

NOTA BIBLIOGRÁFICA
FREI GUSTAVO GUTIÉRREZ MERINO DÍAZ, O.P.
LIMA, 08/06/1928 + LIMA, 22/10/2024.

*Fernando Altemeyer Júnior*¹ 



10.57147/ESPACOS.V33I01.934

Nascido em Lima, Peru, sofreu de osteomielite na infância e adolescência, permanecendo em cadeira de rodas dos doze aos dezoito anos. Ao recuperar a mobilidade, estudou Medicina e Letras na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, em Lima, Peru. Pretendia seguir a especialidade da psiquiatria. Foi um ativo militante da Ação Católica, sendo motivado a aprofundar os estudos teológicos. Decidido aos 24 anos a ser presbítero católico, entrou para o seminário em Santiago do Chile. Estudou Filosofia e Psicologia na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica, a partir de 1951, quando enviado para a Europa. Seus estudos de Teologia foram efetuados na Universidade Católica de Lyon entre os anos 1955 e 1959. Esteve na Universidade Gregoriana de Roma e fez cursos no Instituto Católico de Paris. Fortemente marcado pelos pensadores Marie-Dominique Chenu, Yves Congar, Christian Duquoc, Claude Geffré, Henri de Lubac e Albert Gelin. Foi ordenado presbítero em 1959, assumindo como professor de Teologia dos estudantes de Letras e Ciências Sociais na Universidade Católica de Lima. Conselheiro nacional da União de Estudantes Católicos (UNEC) e pároco católico do bairro Rimac, na periferia de Lima. Sua reflexão amadurece quando em março de 1964 (às vésperas do golpe militar imposto ao Brasil em primeiro de abril) participa de uma reunião de teólogos latino-americanos em Petrópolis, RJ e apresenta a teologia como uma reflexão sobre a prática à luz do Evangelho. Em 1965 participa da quarta e última sessão do Concílio Vaticano Segundo, como perito pessoal do bispo chileno dom Manuel

¹ Mestre em teologia e Doutor em Ciências Sociais pela PUCSP. É professor assistente-doutor na mesma instituição. E-mail: fajr@pucsp.br

Larrain (fundador com dom Helder do CELAM). Em julho de 1967 em uma reunião de trabalho do MIEC em Montevideo, Gustavo se afirma em favor de uma pastoral profetas inspirada no método pedagógico da JOC: ver-julgar-agir. Nesse mesmo ano dá curso na Universidade de Montreal, Canadá sobre o tema Igreja e pobreza. Em 1968, em Chimbote, no Peru, participa de encontro promovido pela ONIS e propõe o tema: Hacia una teología de la liberación, em vista da Assembleia Episcopal prevista acontecer em Medellín, Colômbia em 25/08/1968. Será o consultor teológico desta Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), junto ao padre José F. Marins, José Comblin e bispos profetas que engendraram o nascimento de uma reflexão autêntica e autônoma da América Latina como teologia adulta. Instalou-se para viver em 1970 em bairro popular e em 1975 funda o Instituto Bartolomeu de las Casas-Rimac. Exerce como professor convidado de Teologia na Universidade de Notre-Dame (USA). Em 1971 publica o livro inaugural paradigmático: "Teología de la liberación. Perspectivas", razão pela qual foi considerado um dos pioneiros na sistematização da Teologia da Libertação. Temos produções simultâneas de Hugo Assmann e de Rubem Alves. A repercussão mundial aconteceu no encontro de teólogos em El Escorial, Espanha, em 1972. Em 1974 tal temática foi assumida pela Revista Concilium. Em 1979 publicou o livro: A força histórica dos pobres. Em 1982, foi notificado pela Congregação para a Doutrina da Fé, dirigida pelo então cardeal Joseph Alois Ratzinger, para responder a dez objeções sobre seus escritos teológicos. Tal denúncia partiu do bispo secretário do CELAM e depois cardeal Alfonso Lopez Trujillo, que assumiu um papel de ataque permanente contra a Igreja dos pobres e contra os teólogos na América Latina acusados por ele de serem "marxistas e revolucionários". No mesmo ano Gustavo publica: O Deus da vida, obra mística e sapiencial. Em maio de 1985 obteve o doutorado em teologia pela Faculdade de Teologia do Instituto Católico de Lyon, tendo na banca examinadora os docentes e intelectuais: Henri Bourgeois, Maurice Jourjon, Christian Duquoc, Jean Delorme, Bernard Sesboüé, Vicent Cosmão e Gérard Defois. Foi publicada em 1988 com uma introdução: Mirar lejos (Olhar longe). Durante vinte anos, foi diretor e membro ativo da Revista Concilium. Em 1998, diante das perseguições de alguns bispos do Peru, ingressou como noviço na Ordem dos Pregadores, integrado formalmente em 2001, tendo feito a profissão solene em 24/10/2004. Passou a residir no Convento Dominicano de

Lima, Peru. Leciona em cursos especiais em Notre Dame e em Lille, França e, outros países do mundo. Participou ativamente da Conferência sobre o Cristianismo na América Latina e Caribe. Cristianismo na América Latina e Caribe: trajetórias, diagnósticos e perspectivas, entre os dias 28/07 e 01/08/2003, no formato de um Congresso Teológico no Colégio Batista, no bairro de Perdizes, em São Paulo, SP. Naquela ocasião falou ao vivo, de forma inédita, pela Rádio Vaticano. Em setembro de 2004 o cardeal Ratzinger encerrou o processo romano contra Gustavo. Participou ativamente durante anos dos Cursos de Verão e cursos para bispos promovidos anualmente pelo CESEEP em São Paulo. Em 2009 foi reconhecido como Mestre em Sacra Teologia pelo Geral da Ordem Dominicana. Possui 23 títulos de Doutor Honoris Causa outorgados por universidades de diversos países: cinco no Peru, Argentina (Cordoba), Holanda (Nimega), Suíça (Friburgo), dois na Alemanha, dez nos Estados Unidos, dois no Canadá e na Escócia, obtidos entre 1979 e 2006. Ganhou o Prémio Príncipe das Astúrias em 2003, na Categoria Comunicação e Humanidades, por seu compromisso com os mais desfavorecidos e por ter iniciado a Teologia da Libertação, e em 2014 recebeu o Prémio Capri San Michele. Em setembro de 2013, foi recebido em audiência pessoal pelo Papa Francisco, em um gesto que foi considerado um passo para a reabilitação da Teologia da Libertação. Frei Gustavo nunca foi condenado oficialmente pelas instancias do Vaticano e inclusive foi reabilitado de controvérsias pelo cardeal Muller, Prefeito da Doutrina da Fé do Vaticano. Uma das últimas palestras de Gustavo Gutiérrez num evento internacional aconteceu em Roma, em outubro de 2019, no Congresso Comunhão e Participação, realizado na Cúria geral dos jesuítas em Roma. Na ocasião, a Pontifícia Comissão para a América Latina convidou-o para pronunciar uma conferência “A opção preferencial pelos pobres”. Uma de suas obras mais belas é o livro: "Beber en su propio pozo. En el itinerario espiritual de un pueblo", publicadas em Lima pelo Centro de Estudios y Publicaciones, em 1983, com traduções em inúmeros idiomas. Frei Gustavo Gutiérrez morreu em Lima, Peru, no dia 22/10/2024, às 20h, aos 96 anos.

Chave de leitura de suas obras teológicas

A obra prima entre tantos escritos é o livro sobre a Teologia da Libertação. Escolheu como epígrafe do livro, uma página do livro *Todas las Sangres*, de autoria de

José Maria Arguedas, romance publicado em 1964, onde o sacristão indígena e cantor de São Pedro de Lahuaymarca confronta ao sacerdote cristão inquisidor dizendo: "Seu Deus não é o mesmo. Ele faz com que pessoas sofram sem consolo". Em novembro de 1981, Frei Betto encontrou-se com Gustavo em Manágua, na Nicarágua e conta que entre discussões teológicas com os dirigentes sandinistas, em tentativa de ajudá-los a entender as diferentes posições dos cristãos quanto à revolução, nasceria aquilo que mais tarde se tornaria o livro sobre Jó. Gustavo levantava a questão fundamental como uma pergunta a si mesmo: "Como podemos falar sobre Deus no meio de tanta opressão?" Ele dizia que se queremos fazer teologia, falar sobre Deus, em primeiro devemos ficar em silêncio diante d'Ele. Desse silêncio, que envolve os corações dos pobres, nasce a sabedoria. E precisamos repetir com Jó, em meio a tantas cruces latino-americanas e profunda sede de amor: "Antes eu te conhecia só por ouvir dizer; mas, agora, meus olhos te viram." Tudo em Gustavo Gutiérrez, sua obra e sua vida, converge para essa visão, esse parto teológico e esse silêncio primordial. A teologia da libertação pretende quebrar a imagem de uma teologia teórica e anódina diante do sofrimento dos pobres. Gustavo pretendeu recuperar a imagem do Deus da Vida e de Jesus como libertador situando o cristianismo na teia dos movimentos sociais em luta pela transformação de todas as opressões, políticas, econômicas e inclusive religiosas. Gustavo construiu um novo paradigma que se realiza por uma revolução epistemológica e metodológica a partir da prática libertadora. Tudo nasceu em fecundas conferências pronunciadas em Chimbote, Peru, em 1968. Ele identificou a teologia como inteligência do compromisso. Em 1971 publica *Teología de la liberación. Perspectivas* (1971, 1ª ed.), como obra icônica, que recebe dezenas de traduções em dezenas de idiomas. Gustavo define a teologia como uma reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra. Uma verdadeira teologia processual na história da humanidade a partir dos pobres e oprimidos. Esta teologia segue urgente e necessária neste tempo da globalização neoliberal e do ressurgimento de grupos neonazistas que produzem a globalização da indiferença, como bem afirma o papa Francisco. Assim o ato primeiro é o compromisso e defesa dos pobres, e o ato segundo a reflexão sobre Deus desde o reverso da história. Tendo como paradigma a prática de Jesus, Gustavo souba assumir o pensamento original do frade dominicano Bartolomé de Las Casas, primeiro e eminente defensor dos índios e negros submetidos pelos conquistadores. Parafraseando Las Casas

(“los indios mueren antes de tiempo”) o teólogo indígena peruano afirma que “os pobres na América Latina morem antes do tempo”. Sua teologia não é levítico-sacerdotal, mas uma teologia samaritana, que parte da proximidade de Deus e ajuda os caídos nas estradas. Teologia que assume humilde e serena como serva do Deus vivo e verdadeiro.

Psicobiografia política de um sábio teólogo

Gustavo soube assumir as perguntas existenciais ou vitais que foi burilando com destreza e inteligência e alegria interior. Uma delas segue incomodando todo teólogo místico e irmão dos pequenos: Onde dormirão os pobres neste noite? Sua teologia não era o fim de seu pensamento, mas um meio para favorecer a liberdade das multidões esmagadas. Vale mais a experiência que a teoria. Mais um gesto de partilha que milhares de palavras sem densidade histórica. Não se compreende sua reflexão sem seu povo indígena e sem os pobres do continente. Hoje os pobres são sujeitos de um novo modo de pensar de forma madura sua fé e seguimento de Jesus.

Lições deixadas por Gustavo para toda a Igreja Universal

Os teólogos da América Latina e Caribe assumiram a partir da obra original de Gustavo Gutierrez uma chave interpretativa também proposta pela pensadora Simone Weil: “a plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de perguntar: qual a tua aflição?”. A Teologia da Libertação quis pensar a fé cristã respondendo às perguntas dos aflitos, dos invisíveis, dos subalternos, dos esmagados nos porões da humanidade. A Teologia da Libertação continua viva ao preocupar-se com os novos pobres do continente e assumir-se como uma teologia da compaixão, apesar de que muitos cardeais e bispos tenham decretado sua morte, por defender uma ideologia da cristandade. Uma primeira Instrução Vaticana condenara em 1984 o uso do marxismo na teologia católica e muitos disseram que fora a certidão de óbito da Teologia da Libertação. Uma carta Papa João Paulo II dirigida ao Episcopado brasileiro de 09 de abril de 1986 pede, entretanto, que não se abandone a tarefa necessária desse fazer teológico: “... estamos convencidos, nós e os Senhores, de que a teologia da libertação é não só oportuna, mas útil e necessária. Ela deve constituir uma nova etapa – em estreita conexão com as anteriores – daquela reflexão teológica iniciada com a Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres

e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, na época mais recente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja expressa em documentos que vão da *Rerum Novarum* a *Laborem Exercens*". E insiste: "Os pobres deste país, que tem nos senhores os seus pastores, os pobres deste Continente são os primeiros a sentir urgente necessidade deste evangelho da libertação radical e integral. Sonegá-lo seria defraudá-los e desiludi-los". A certeza básica de qualquer teólogo lúcido "é a de que só é teologia aquela reflexão sobre a fé em que o 'lumen fidei' da revelação divina é o princípio último e o critério da verdade (padre Félix Pastor, sj)". O teólogo e a teóloga devem ser movidos pela palavra de Deus. Produzir teologia sob o manto do Espírito de Deus exige uma rigorosa disciplina mental auscultando aos desígnios de Deus e confrontando-os com a realidade concreta da vida e dos meios para viver. A Teologia da Libertação não morreu, pois seu caminho é um peregrinar místico: "Aquilo mesmo mediante o qual a teologia é ciência é aquilo pelo qual ela é mística (Marie-Dominique Chenu)". Esta escola espiritual é feita de larga tradição de muitos patriarcas e matriarcas de tempos longevos: Bartolomeu de las Casas, São Pedro Claver, São Martinho de Lima, Francisco Solano, Toribio de Mongrovejo, Santa Rosa de Lima, Santo Antonio Maria Claret, José Antônio Pereira Ibiapina, Juventude Universitária Católica, Comunidades Eclesiais de Base, Paulo Reglus Freire, Rubens Candido Padim, Richard Shaull, Rubem Alves, Hugo Assmann, Leonardo Boff, Enrique Dussel, Carlos Mesters, Clodovis Boff, João Batista Libanio, Jurgem Moltmann, Johan Baptist Metz, Karl Rahner, Edward Schillebeckx, Jean-Yves Congar, Fernando Gomes, Manuel Larraín, Ivone Gebara, Milton Schwantes, Orestes Stragliotto, Frei Betto, Elza Tamez, Antonio Cecchin, Ronaldo Muñoz, Raul Vidales, Enrique Dussel, Franz Hinkelammert, Pedro Casaldaliga Plá, cardeal Arns, Enrique Angel Angelelli a partir das intuições e do vigor do pensamento de Gustavo Gutiérrez Merino Díaz. Neste largo peregrinar da fé é preciso retomar os versos do poeta mineiro Carlos Drummond: "Como vencer o oceano se é livre a navegação, mas proibido fazer barcos?". A tarefa da teologia é produzir remos para que o barco da Igreja se lance ao mar e, submetida ao Espírito Santo acuda aos naufragos que confiam suas frágeis existências àqueles que conduzem os instrumentos de salvação, guiados pelo Pai de Jesus Cristo, luz do mundo. A Igreja segue sendo instrumento tal qual a lua reflete o sol. Testemunhas fiéis da ação de amor preferencial aos pobres são os mártires que tombaram na luta contra a injustiça. São os

filhos amados da Igreja que oferecem o óbolo de suas vidas: Santo Dias da Silva, Adelaide Molinari, Cleusa Nascimento, Dorothy Mae Stang, Josimo Moraes Tavares, Ezequiel Ramin, Rodolpho Lunkenbein, João Bosco Penido Burnier, padre Rutílio Grande García, dom Oscar Arnulfo Romero, Ignacio Ellacuría, Segundo Montes, Ignacio Martín-Baró, Amando López, Juan Ramón Moreno, Joaquín López y López, Enrique Angelelli, Antonio Pereira Neto e Gabriel Felix Roger Maire. Leigas, religiosas e sacerdotes que sofreram perseguição ao viver na carne o amor aos aflitos. Estes e estas deram carne à teologia libertadora. Selaram com sangue seu batismo de vida Eterna. Há quem censure bispos como dom Luciano Mendes de Almeida, dom José Ivo Lorscheiter, dom Pedro Casaldáliga Plá, cardeal Paulo Evaristo Arns e padres como Julio Lancelotti, por misturarem o vinho forte da sabedoria de Deus com a água do compromisso social. Essa foi a resposta de Santo Tomás de Aquino: “para o teólogo que faz bem seu trabalho, o vinho não é enfraquecido com a água, é antes a água que se transforma em vinho”. Ou parafraseando o pensador francês Blaise Pascal: “todas as teologias não valem um gesto autêntico de solidariedade com os pequeninos”.

Bibliografia do Frei Gustavo Gutierrez:

- La pastoral de la Iglesia en América Latina. Análisis teológico. MIEC-JECI, Montevideo, 1968.
- Hacia una teología de la liberación. MIEC-JECI, Montevideo, 1969;
- Participar en el proceso de liberación en "Signos de renovación". CEAS/Universitaria, Lima, 1969, pp. 5-117.
- Pobreza evangélica: solidaridad y protesta. Centro de Estudios y Publicaciones, Lima, 1970.
- Teología de la liberación. Perspectivas. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1971; Sígueme, Salamanca, 1973; 1990, 14ª ed. rev. e ampliada; 1998, 19ª ed.).
- Religión, ¿instrumento de liberación? Madrid: Ediciones Marova, 1973.
- Evangelio y praxis de Liberación. In: Fe cristiana y cambio social en América Latina, Instituto Fe y Secularidad (ed.). Sígueme, Salamanca, 1973, pp. 231-245.
- Apuntes para una teología de la Liberación. In: Rubem Alves e Hugo Assmann. In: ¿Religión, instrumento de liberación? Marova-Fontanella, Madrid-Barcelona, 1973, pp. 2-76.
- Praxis de liberación y fe Cristiana. In: La Iglesia en América latina. Testimonios y documentos (1969-1973). Verbo Divino, Estella, Navarra, 1973, pp. 11-48;
- La nueva frontera de la teología en América Latina. Salamanca, México: Sígueme, 1977.
- Teología desde el reverso de la historia. Centro de Estudios y Publicaciones, Lima, 1977).
- Los pobres y la liberación en Puebla. Bogotá: Indo-American Press Service, 1979.

En busca de los pobres de Jesucristo: evangelización y teología en el siglo XVI. In: Pablo Richard (ed.). Materiales para una historia de la teología en América Latina. DEI, San José de Costa Rica, 1981, pp. 137-163;
Sobre el trabajo humano: Comentarios a la encíclica "laborem exercens". Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1982.
Entre las calandrias. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1982.
El Dios de la vida. 2ª ed. Centro de Estudios y Publicaciones, Lima, 1982; Sígueme, Salamanca, 1998,
La fuerza histórica de los pobres. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1983 - Sígueme, Salamanca, 1982.
Teología de la liberación y comunidades de base. Sígueme, Salamanca, 1982, pp. 124-142;
Beber en su propio pozo. En el itinerario espiritual de un Pueblo. 7ª ed. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1983. Sígueme, Salamanca, 1984; 1998.
Reflexión sobre la teología de la liberación: Perspectivas desde el Perú. (Com José Luis Indigoras e outros). Iquitos, Perú: Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía, 1986.
La verdad los hará libres. Confrontaciones. Centro de Estudios y Publicaciones, Lima, 1986.
La recepción del Vaticano II en Latinoamérica. In: Giuseppe Alberigo e Jean Pierre Jossua. (eds.) La recepción del Vaticano II. Cristiandad, Sígueme, Madrid, 1987, pp. 213-237;
Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente. Una reflexión sobre el libro de Job. Lima: Centro de Estudios y Publicaciones, 1986. Sígueme, Salamanca, 1988; 2002, 5ª ed..
Dios o el oro en las Indias. 2ª ed. Sígueme, Salamanca, 1989; 1990.
En busca de los pobres de Jesucristo. El pensamiento de Bartolomé de Las Casas. Sígueme, Salamanca, 1993.
Compartir la palabra a lo largo del año litúrgico. Sígueme, Salamanca, 1995.
Una teología de la liberación en el contexto del tercer Mundo. In: El futuro de la reflexión teológica en América Latina. Consejo Episcopal latinoamericano-CELAM, Bogotá, 1996, pp. 97-165.
Teología: acontecimiento, silencio, lenguaje. Em co-autoria com Luis Jaime Cisneros. CEP, Lima, 1996.
¿Dónde dormirán los po-bres? In: El rostro de Dios en la historia. CEP, Lima, s/f, pp. 9-69.
La densidad del presente. Sígueme, Salamanca, 2003.
Entre calandrias. Un ensayo sobre José María Arguedas. 4ª ed. Instituto Bartolomé de Las Casas-CEP, Lima, 2003.
Acordarse de los pobres. Textos esenciales. Fondo Editorial del Congreso del Peru, Lima, 2003.
Del lado de los pobres. Teología de la Liberación. Em co-autoria com Gerhard Ludwig Müller. Instituto Bartolomé de Las Casas-Rimac y CEP, Lima, 2005.

Fontes: <https://liberationtheology.org/people-organizations/gustavo-gutierrez/>